

AFROFUTURISMO BRASILEIRO E AFRICANFUTURISM: A ANCESTRALIDADE COMO CAMINHO DE IMAGINAR MUNDOS ALTERNATIVOS EM O CÉU ENTRE MUNDOS, DE SANDRA MENEZES, E WAR GIRLS, DE TOCHI ONYEBUCHI

ANDERSON BRUM¹;
EDUARDO MARKS DE MARQUES²;

¹Universidade Federal de Pelotas – andersonbrumf@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

No contexto da literatura de autoria negra, o afrofuturismo tem se destacado ao longo dos últimos anos como um movimento que oportuniza a possibilidade de imaginarmos mundos alternativos marcados pelo protagonismo e pela realidade negra. Nesse sentido, definições iniciais propostas por autores estadunidenses indicam que o afrofuturismo está entrelaçado ao contexto estadunidense. No ensaio “Black to the future”, Mark Dery entrevista três autores negros – Greg Tate, Tricia Rose e Samuel R. Delany, e cunha o termo afrofuturismo apontando a relação entre afrofuturismo e as ficções afro-americanas que retratavam histórias tecnológicas. Posteriormente, Alondra Nelson expande o conceito e o relaciona com a diáspora africana, assim, fazendo com que a visualização do afrofuturismo do início do século XXI seja permeada pela possibilidade de imaginar novos mundos negros que estejam narrados por vozes negras que possuem ‘outras histórias para contar sobre cultura, tecnologia e coisas que estão por vir’ (NELSON, p. 9, tradução minha)¹.

Embora importantes para os passos iniciais do movimento e para a sua discussão dentro da academia, as definições propostas por Dery e Nelson se tornaram insuficientes para compreender a dimensão contemporânea global do afrofuturismo. No final da última década, autores de descendência africana manifestaram descontentamento em terem as suas obras sendo lidas como afrofuturismo quando, em suas opiniões, buscavam retratar a África como central em suas narrativas. Nesse sentido, o crescimento do termo “afrofuturismo” com o lançamento de “Pantera Negra” (2018) fez com que a palavra fosse vinculada ao cenário estadunidense de imaginação de uma África ideal, ou de uma Wakanda, tornando o afrofuturismo um sinônimo da imaginação estadunidense de uma sociedade envolvendo pessoas negras estadunidenses ambientadas no futuro. Neste caminho, a autora Nnedi Okorafor sugeriu a criação do termo *Africanfuturism*, em que a centralidade é colocada na imaginação de um futuro tecnológico relacionado ao continente africano. O desabafo de Okorafor é compartilhado por uma série de autores africanos que compõem a antologia *Africanfuturism: An Anthology* (2020), organizada por Wole Talabi, e nos leva a diferentes reflexões sobre como o afrofuturismo pode ser visualizado a partir dos diferentes contextos de criação e que são retratados nas narrativas. Inicialmente, sugerimos que no cenário brasileiro as obras afrofuturistas são atravessadas pelo componente ancestral que nos relaciona com a realidade negra brasileira. Dessa forma, o

¹ Afrofuturism can be broadly defined as “African American voices” with “other stories to tell about culture, technology and things to come.” (NELSON, 2002, p. 9)

afrofuturismo brasileiro compartilha relações com o *Africanfuturism* – ainda que ambos sejam diferentes quanto às suas materializações, localizações e em propostas.

No livro *Performances do Tempo Espiralar: Poéticas do Corpo-Tela* (2021), a dramaturga e professora Leda Maria Martins analisa as interrelações existentes entre memória, tempo, corpo, arte e outras formas de produção de saberes, colocando foco no uso da corporeidade nos contextos artísticos. Em sua análise, Martins apresenta o conceito de tempo espiralar, isto é, um tempo que: “não elige a cronologia, mas que a subverte.” (MARTINS, 2021, p. 42). A partir dessa perspectiva, trabalhar com o tempo dentro do contexto de obras de autoria negra é se afastar das cronologias do ocidente. Ao contrário, temos a visualização do tempo como um entrelaçamento constante, em que futuro passa a ser presente do passado em uma relação espiralada, desse modo, tornando-se um movimento contínuo e progressivo.

Observar narrativas negras a partir do tempo espiralar proposto por Leda Maria Martins tem como resultado analisar e refletir sobre as narrativas por meio da ancestralidade, conceito fundador de todas as práticas sociais que são realizadas (MARTINS, 2021). Conforme atesta Eduardo Oliveira sobre a realidade brasileira:

A ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sociopolítico fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária, entre outros. (2009, p. 3-4)

Sendo assim, a ancestralidade e o tempo espiralar são conceitos que se relacionam e que observamos nas narrativas trabalhadas dentro do escopo do afrofuturismo brasileiro e do africanfuturism. Mesmo que Brasil e Nigéria possuam inúmeras características sociais distintas, as narrativas produzidas no panorama destes movimentos são alicerçadas por acontecimentos semelhantes quanto à construção histórica destes povos.

Nesse contexto, para a presente pesquisa, a autora Sandra Menezes e o autor Tochi Onyebuchi se tornam os expoentes dos dois movimentos na literatura. Sandra Menezes publica a obra *O Céu Entre Mundos* (2021), já Tochi Onyebuchi se caracteriza por diversos trabalhos que fazem parte do *africanfuturism*, mas o livro a ser analisado neste trabalho é *War Girls* (2019) – que faz parte da duologia *War Girls* (2019 e 2020). As narrativas dos autores se desenvolvem ao redor do protagonismo feminino de Karima, Onyii e Ify, e, sobretudo, são construídas ao redor da ancestralidade dos personagens e da história de ambas as nações. Dessa forma, apresentam discussões sobre coletividade, religião, educação, política e conflitos históricos dos seus povos.

Em *O Céu Entre Mundos*, a autora proporciona reflexões a partir de um contexto interplanetário ambientado no ano de 2273 na contagem terrestre. Narrado por Karima aos seus 25 anos de idade, somos apresentados a Wangari – um planeta alternativo encontrado após navegações interplanetárias que ocorreram após países europeus colonizarem Marte. Tanto a pesquisa interplanetária quanto a sociedade de Wangari são formadas a partir de países africanos: África do Sul, Nigéria, Angola e Quênia. Dessa forma, as culturas, os ritos e a relação com a ancestralidade estão presentes desde o começo da narrativa. Conforme apontado por Karima, em Wangari há a priorização do “bem-estar do povo e a preservação

ambiental do planeta” (MENEZES, 2021, p. 24), logo, a narrativa traz discussões sobre novas formas de bem-viver a partir das navegações espaciais.

Em *War Girls*, a narrativa traz as histórias de Onyii e Ify em uma Nigéria imaginada a partir do ano de 2172 em um contexto pós-apocalíptico no qual o país se encontra em uma guerra civil. Nesse cenário, há a reimaginação da Guerra de Biafra (1967-1970) com a presença de um conflito entre os separatistas e o governo nacional. Em meio aos conflitos étnicos, a ancestralidade se manifesta a partir da coletividade de um grupo feminino e aparece como caminho para a resistência na formação de um mundo alternativo.

Com isso, o objetivo desta pesquisa é analisar a ancestralidade como elemento articulador da coletividade e de formas de resistência no escopo do afrofuturismo brasileiro e do *africanfuturism* à luz das contribuições literárias de Sandra Menezes e Tochi Onyebuchi. Para isso, coloca-se destaque na ancestralidade como ponto de convergência na construção de mundos alternativos concebidos a partir de cenários pós-apocalípticos e de tensões étnico-raciais. Nessa perspectiva, a ancestralidade é compreendida como um caminho para a coletividade na construção de futuros possíveis ambientados no Brasil e na Nigéria, desse modo, permitindo que os autores abram espaço para reflexões sobre as experiências negras em seus respectivos contextos socioculturais.

2. METODOLOGIA

A pesquisa está sendo desenvolvida durante o doutorado em Letras na Universidade Federal de Pelotas e retrata a fase em andamento da escrita da tese. Para a realização da pesquisa, foram feitas leituras de artigos, livros, dissertações e ensaios que se relacionassem com o tema. No entanto, por compor o corpus inicial da tese, trata-se de um recorte específico do trabalho que está sendo realizado.

Deste modo, a pesquisa possui um caráter sociopolítico por apresentar discussões literárias sobre a ancestralidade na literatura de autoria negra e os mundos alternativos apresentados nas narrativas de Sandra Menezes, por meio do afrofuturismo brasileiro, e de Tochi Onyebuchi, por meio do *africanfuturism*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em mente o contexto de ser uma pesquisa que está em andamento, o estudo possui resultados parcialmente concluídos, mas está aberto para futuras modificações. As discussões relacionadas à formação do afrofuturismo estadunidense e do *africanfuturism* já foram realizadas em trabalhos anteriores, entretanto, colocar o foco na ancestralidade e na coletividade na construção do afrofuturismo oferece uma nova atualização sobre o termo na realidade brasileira e permite estabelecer contato com a cultura africana (neste trabalho, nigeriana).

No decorrer das narrativas analisadas, tanto Karima quanto Onyii e Ify são protagonistas localizadas em sociedades de futuro que foram impactadas pelo caos climático que aflige o planeta. A partir deste ponto de partida, concluímos que as histórias afrofuturistas brasileiras e africanfuturistas são ficções que tratam a realidade climática a partir de um ponto de não retorno. O caos já está materializado e, a partir disso, sociedades se organizam(ram) em novos modelos de vida para sobreviver. Tais modelos de vida são construídos ao redor da ancestralidade presente nos ritos de comunidades negras pelo Brasil, como também a partir do contexto de conflito étnico da Nigéria. Em ambos os casos, conflitos que não foram

resolvidos no passado retornam no futuro por meio de momentos de tensão que refletem na situação política de Wangari e na guerra da Nigéria do futuro.

No livro de Sandra Menezes, Wangari é um lugar povoado por pessoas negras e que possui políticas estabelecidas de modo a valorizar a educação e ensinamentos geracionais – considerando o conhecimento essencial para a construção social dos sujeitos de Wangari. Sabendo do processo histórico de apagamento de vozes negras na terra, principalmente por conta da colonização e do racismo, Wangari é perpassada por políticas de ancestralidade que retomam nomes importantes das lutas dos movimentos negros. Conforme é revelado por Karima ao descrever a organização de Wangari, há um: “projeto milenar de resgate da nossa identidade” (MENEZES, 2021, p. 116). A identidade mencionada por Karima é desenvolvida de acordo com a coletividade ancestral dos personagens da obra, assim, interpretamos que o afrofuturismo brasileiro trazido por Sandra Menezes tem como centralidade as tradições negro-brasileiras e um senso de coletividade como alternativa para a construção de um novo mundo.

Em um contexto completamente distinto, o livro de Tochi Onyebuchi é marcado pelas tensões étnicas da Nigéria voltarem a ser responsáveis por uma nova guerra no país. No panorama da narrativa, há disputa por poder e territórios que são vinculados a importantes recursos naturais e uma realidade tecnológica, mas é na coletividade de um grupo de mulheres, as garotas de guerra, que temos uma alternativa sendo formada para resolver o conflito. Dessa maneira, o *africanfuturism* sinaliza para uma saída ancestral e coletiva para estabelecer os alicerces de uma nova sociedade – uma sociedade tecnológica, mas que utiliza a tecnologia para proporcionar a manutenção da memória de um conflito histórico.

4. CONCLUSÕES

Ao longo do trabalho, foram discutidas questões relacionadas ao afrofuturismo brasileiro, à sua formação como movimento e à sua manifestação na literatura por meio da ancestralidade discutida atribuída aos personagens em um caminho para a coletividade. Em meio a esse cenário, visualizamos as características em comparação e conflito com o *Africanfuturism*, termo cunhado por autores africanos para representar a realidade afrofuturista do continente. Nesse contexto, a ancestralidade passa a ser utilizada como instrumento de coletividade para a sobrevivência e a formação de novas sociedades em mundos alternativos, como visualizados nas histórias de Sandra Menezes e Tochi Onyebuchi.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DERY, M. “Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose”. **Flame wars**. In: The discourse of cybersculture. Durkham e Londres: Duke University Press, p. 179-222, 1994
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.
- MENEZES, Sandra. **O Céu Entre Mundos**. Rio de Janeiro, Malê: 2021.
- NELSON, Alondra. Introduction: Future Texts. **Social text 71**, v. 20, n. 2, p. 1-15, summer, 2002
- OLIVEIRA, Eduardo David de. Epistemologia da Ancestralidade. **Entrelugares**: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins. Fortaleza: UFC, vol.1. Nº 2, março/agosto, 2009, 10p.
- ONYEBUCHI, Tochi. **War Girls**. New York: Razorbill, 2019.